

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

### GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### RESILIÊNCIA INFORMACIONAL DE GÊNERO E O ESTADO DE INCERTEZA

#### *GENDERED INFORMATIONAL RESILIENCE AND THE STATE OF UNCERTAINTY*

**Andréa Karine Albuquerque Maia** – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Edvaldo Carvalho Alves** – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Leilah Santiago Bufrem** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

#### **Modalidade: Resumo Expandido**

**Resumo:** recorte da tese que descreve o estado de incerteza informacional de professoras do ensino superior acerca das questões de gênero na prática docente durante o Ensino Remoto Emergencial. Qualitativa, adota-se pesquisa bibliográfica e de campo com entrevista semiestruturada. Utiliza a análise de conteúdo categorial para interpretar dados. O estado de incerteza informacional é complexo e multifacetado, abrangendo aspectos informacionais, emocionais, de saúde, laborais e de gênero. A transição do estado de incerteza que resulta em competência em informação e práticas emancipatórias no Ensino Remoto Emergencial ocorre quando há interesses pessoais, profissionais e de gênero em comum.

**Palavras-chave:** resiliência informacional; divisão sexual do trabalho; gênero.

**Abstract:** excerpt doctoral thesis addressing the state of informational uncertainty experienced by female higher education instructors concerning gender issues in teaching practices during Emergency Remote Teaching (ERT). This qualitative study combines bibliographic and field research methodologies, employing semi-structured interviews. Categorical content analysis is applied to interpret the data. The informational uncertainty is complex and multifaceted, encompassing informational, emotional, health-related, occupational, and gender-related dimensions. The transition from uncertainty toward informational competence and emancipatory practices during ERT occurs when shared personal, professional, and gender-related interests align.

**Keywords:** informational resilience; sexual division of labor; gender.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo traz um recorte da tese de doutorado, que discute a construção da resiliência informacional de mulheres docentes do ensino superior diante da emergência do ensino remoto no contexto da pandemia provocada pela covid-19. A crise sanitária global alterou as bases informacionais consolidadas, afetando a vida cotidiana diante das perspectivas de saúde, sociais e de trabalho. Nas universidades públicas federais, as aulas

presenciais foram suspensas em março de 2020, e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi adotado para dar continuidade ao calendário, resultando em alterações na prática docente.

Os desafios para as mulheres professoras foram ampliados pelas desigualdades de gênero, exacerbadas pela Divisão Sexual do Trabalho (DST) (Hirata; Kergoat, 2007). No processo de resiliência informacional (Brasileiro, 2017; Lloyd 2014, 2015), professoras do ensino superior buscaram superar o estado de incerteza informacional de forma individual e coletiva, por meio das práticas informacionais desenvolvidas em um grupo do WhatsApp, formado por docentes de um mesmo departamento de uma universidade pública federal.

Os encargos docentes, em articulação com a vida pessoal, exigiram a gestão simultânea das demandas domésticas e familiares e da sala de aula virtual. Além disso, os cuidados com saúde se ampliaram em virtude da propagação do novo coronavírus.

Para maioria das professoras investigadas, o ensino remoto provocou um cenário de desordem, de acúmulo de tarefas, maior do que o cotidiano de trabalho presencial, o que não nega que essa sobrecarga já se fazia presente. Fica evidente o quanto a realidade da mulher trabalhadora é desigual, desafiadora, exigindo embates e lutas constantes pelo reconhecimento dos diferentes papéis sociais exercidos no contexto feminino (Pessoa; Moura; Farias, 2021, p. 190).

As professoras tiveram suas bases informacionais rompidas, vivenciando um estado de incerteza informacional que vai além da falta de capacidade de gerenciar as informações especializadas, incluindo questões de saúde, construídas por meio da informação compartilhada socialmente, o que acaba por gerar alterações emocionais relacionadas à insegurança, ao medo e à ansiedade (Brasileiro, 2017). Superar esse estado depende do processo de resiliência informacional, do qual resultam novas práticas informacionais, construídas socialmente (Lloyd, 2014, 2015). Diante disso, objetiva-se descrever o estado de incerteza informacional de professoras do ensino superior acerca das questões de gênero na prática docente durante o Ensino Remoto Emergencial.

## **2 CONCEITOS TEÓRICOS NORTEADORES**

As categorias conceituais basilares nessa pesquisa são: resiliência informacional (Brasileiro, 2017; Lloyd, 2014, 2015), no contexto das práticas informacionais (Araújo, 2017); e Divisão Sexual do Trabalho (Hirata; Kergoat, 2007) com ênfase na docência durante a pandemia.

### **2.1 Resiliência informacional no contexto das práticas informacionais**

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Na Ciência da Informação, o conceito de resiliência informacional emerge no âmbito das práticas informacionais a partir de Annemaree Lloyd (2014, 2015), por meio de uma pesquisa empírica com pessoas refugiadas no contexto de informações voltadas para a saúde. Brasileiro (2017), com base nesse conceito, desenvolveu um estudo com mulheres grávidas do primeiro filho, que passaram por um processo de ruptura das suas bases informacionais em relação à saúde no contexto de redes sociais virtuais. Ambos os estudos analisam o processo de construção da resiliência informacional visando a superação do estado de incerteza informacional dos sujeitos participantes das práticas.

Para Lloyd (2014, 2015), a resiliência informacional se caracteriza como a passagem do sujeito de um ambiente informacional previamente conhecido para um novo ambiente não familiar, marcado pela ruptura das suas bases informacionais consolidadas e exigindo uma competência em informação (habilidade para se envolver, acessar e usar a informação), propiciando a adaptação e transição pela incerteza. “A resiliência informacional é associada à capacidade de restabelecer o capital social que fornecerá suporte para navegar num ambiente desconhecido” (Lloyd, 2015, p. 1, tradução nossa).

O processo de resiliência informacional, segundo Lloyd (2014, 2015), apresenta três fases: **orientação**, experiência física e virtual dos sujeitos fontes de informação relevantes, na qual os mediadores orientam na busca por novas fontes, possibilitando a redução do estresse causado pelas incertezas; **ajustamento**, fase em que os sujeitos transformam os métodos e estratégias para se adaptarem ao novo ambiente informacional; e a **ressignificação**, que combina as duas primeiras fases para organizar e reestruturar os conhecimentos adquiridos no processo, promovendo a construção de novos sentidos (Lloyd, 2014).

Brasileiro (2017, p. 7) constatou em sua pesquisa que as práticas colaborativas mediadas se desenvolveram de forma negociada e coordenada a partir do momento em que as participantes experimentam uma “consciência coletiva, a respeito da estratégia informacional de enfrentamento coletivo na rede, direcionada para o bem comum”.

Para Nascimento e colaboradora(es) (2024, p. 11) resiliência informacional é a:

[...] capacidade responsiva dos agentes – relacionados uns com os outros em seus lugares de coexistência – de enfrentar os conflitos informacionais emergentes que ameaçam o desenvolvimento emancipatório das práticas de informação, e de modelar conjuntamente as práticas e arranjos materiais de informação para constituir bases referenciais catalisadoras da emancipação informacional.

Assim, visando superar o estado de incerteza, as pessoas buscam informações/apoio nos familiares e amigos, colegas de trabalho, especialistas na área, bem como no ambiente digital com um todo. Nos grupos de WhatsApp há uma disposição em compartilhar vivências em comum, quando as pessoas têm objetivos e vivências semelhantes.

## **2.2 Divisão Sexual do Trabalho**

O conceito de Divisão Sexual do Trabalho (DST) contribui para a compreensão do estado de incerteza informacional de professoras universitárias durante o ERE, por evidenciar como as normas sociais e culturais influenciam na distribuição desigual de tarefas e responsabilidades, reverberando no equilíbrio entre as demandas domésticas e profissionais.

Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) enfatizam que o conceito de DST surgiu com mais intensidade na França, nos anos de 1970, em virtude da força dos movimentos feministas. As autoras (2007) reconhecem a relevância desse conceito para o estabelecimento de suas bases teóricas, mas argumentam que o seu desenvolvimento possibilitou apenas a constatação da existência das desigualdades entre os sexos, resultando no paradoxo de que “tudo muda, mas tudo permanece igual”. Portanto, elas ampliaram essa discussão, evidenciando que tais desigualdades são sistemáticas e que a sociedade hierarquiza as atividades por meio de um sistema de gênero, definindo Divisão Sexual do Trabalho como:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599).

A Divisão Sexual do Trabalho está organizada por meio de dois princípios: o de separação e o hierárquico. O primeiro distingue os tipos de trabalhos que devem ser executados pelo homem daqueles que devem ser realizados pelas mulheres; o segundo determina que o trabalho do homem tem mais “valor” do que o da mulher (Hirata; Kergoat, 2007). O Quadro 1 apresenta quatro modelos que organizam a DST.

**Quadro 1 – Modelos de organização da DST**

<b>Modelo</b>	<b>Descrição</b>
<b>TRADICIONAL</b>	A mulher assume exclusivamente as demandas domésticas e o cuidado com a família, enquanto o homem é o provedor.
<b>CONCILIAÇÃO</b>	A mulher concilia o trabalho profissional e o doméstico, o homem não.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

<b>PARCERIA</b>	Mulher e homem compartilham o trabalho doméstico e o cuidado com a família, com base numa relação de igualdade e não de poder.
<b>DELEGAÇÃO</b>	A mulher delega a outras mulheres o trabalho doméstico e o cuidado com a família.

**Fonte:** Adaptado de Hirata; Kegoat, 2007 (2024)

Entre esses quatro modelos, o mais próximo de uma equidade é o de parceria – tendo em vista que o tradicional ancora as mulheres exclusivamente ao espaço doméstico, sem possibilidades de participação no espaço público; o de conciliação depende de políticas públicas relacionadas à questão do cuidado, o que normalmente não ocorre, resultando num acréscimo de tarefa para as mulheres; e o de delegação reforça a desigualdade entre as mulheres a partir dos marcadores sociais da diferença de classe e raça/etnia.

A despeito de uma maior participação das mulheres no espaço público, sobretudo em relação à questão econômica, a divisão de trabalho entre os sexos não se deu de forma equânime, pois mesmo contribuindo financeiramente para o sustento da família, elas são responsabilizadas quase que exclusivamente pelas demandas do espaço privado. Sobre essa questão, há uma “revolução incompleta [...] o que perpetua uma desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho para elas” (Sousa; Guedes, 2016, p.125).

Além das mudanças culturais em relação ao trabalho doméstico, dispositivos legais podem assegurar a equidade entre as licenças maternidade e paternidade, por exemplo. O menor acesso à renda e ao tempo livre em decorrência da DST incide na participação das mulheres na política e nos espaços de poder, reforçando o princípio de hierarquização entre os sexos. De acordo com Biroli (2016, p.742), “Quanto mais envolvidas estão com o trabalho doméstico cotidiano, menores e menos efetivos são os instrumentos de que dispõem para politizar as desvantagens que vivenciam e as hierarquias assim estruturadas”.

Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho, como a precarização e a flexibilização do emprego, amplificam a desigualdade entre os sexos. (Hirata; Kergoat, 2007). Nessa perspectiva, Hirata (2010) observa dois aspectos relevantes: o primeiro é a ampliação do conceito de trabalho, que passou a englobar não apenas o profissional, mas também o doméstico, o informal e o gratuito. O segundo refere-se ao fato de que a DST é inseparável da divisão sexual do saber e da divisão sexual do poder.

Ressalta-se que as desigualdades e opressões de gênero são acompanhadas por movimentos de resistência e renegociação. Assim, a mobilização coletiva deve incluir reivindicações articuladas à diversidade e às assimetrias vividas por todas as mulheres.

### **2.3 Docência na pandemia**

A pandemia contribuiu para o agravamento do estado de incerteza informacional que se estabeleceu na prática docente com a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria de Nº 343/2020, autorizando “a substituição das aulas presenciais por aulas mediadas por meios digitais enquanto durar a situação de pandemia da covid-19” (Brasil, 2020).

Houve alterações no espaço e no tempo. No espaço doméstico foi necessário melhorar a conexão da internet e preparar um lugar apropriado para falar, ouvir e ser vista. O tempo no ERE tornou-se reduzido, pois a migração repentina na forma de trabalhar exigiu o aprendizado de metodologias inovadoras e o domínio de tecnologias. Essa experiência trouxe reflexões como a precarização da atividade docente, que, mesmo antes da pandemia, resultava em adoecimento, bem como as práticas pedagógicas e as desigualdades socioeconômicas das(os) discentes.

Sousa, Silva e Rolim (2022) apontam que a participação da mulher como docente universitária é marcada pela oposição entre parentalidade e produtividade acadêmica. Esse processo se dá em virtude da desconsideração às experiências culturais e históricas da mulher. Silva *et al.* (2021, p. 159) reforçam que, para que de fato se construa um ambiente igualitário e equitativo, “a sociedade e o Estado precisam compreender as condições maternas como de interesse público e não como uma questão privada”.

## **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa é qualitativa, com uso de pesquisa bibliográfica e de campo, com oito docentes que fazem parte de um mesmo departamento de uma universidade pública federal. Essas atrizes sociais ministraram disciplina durante o ERE e estão no grupo de WhatsApp do departamento. A coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada, da qual emergiram categorias baseadas no aporte teórico, sistematizadas e interpretadas a partir da técnica de análise de conteúdo categorial (Bardin, 2020).

## **4 RESULTADOS**

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

As categorias e subcategorias que emergiram da entrevista, sobre o estado de incerteza informacional acerca das questões de gênero, foram sistematizadas em grelhas por meio da análise de conteúdo categorial (Bardin, 2020). Prioriza-se a análise interpretativa dos dados relacionados ao objetivo deste texto, assim, em razão da limitação de espaço, optou-se por apresentar apenas o Quadro 2, como exemplo.

**Quadro 2 – Modelos de organização da DST**

<b>Pergunta - Quais foram os principais desafios que você enfrentou durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e como você buscou informações para superá-los?</b>	
<b>Categorias</b>	
Estado de incerteza informacional	Estratégias de enfrentamento
<b>Subcategorias</b>	
Incerteza institucional	Discentes
Insegurança, cansaço e estresse	Iniciativa pessoal
Relação com discentes	Suporte institucional
Prática docente	Compartilhamento de disciplina

**Fonte:** Autoria própria (2024)

Conforme, observa-se no Quadro 2, a ruptura das bases informacionais consolidadas das atrizes sociais resultou num cenário de incerteza bastante complexo; além das questões informacionais, inclui aspectos emocionais como insegurança, cansaço, estresse e questões familiares, bem como dificuldades na interação com as(os) discentes e na adaptação da prática docente para o ERE. As estratégias de enfrentamento da incerteza informacional são descritas de forma individual, na busca de novas competências informacionais como metodologias e ferramentas digitais; e de forma coletiva, decorrente do aprendizado com colegas ao ministrar disciplinas em dupla e da compreensão da nova dinâmica no ensino remoto, o que exigiu um processo de escuta ativa das(os) discentes e no apoio institucional.

As informações postadas nas redes sociais digitais das atrizes sociais sobre ERE resultaram em afetos negativos como angústia e morte, e afetos positivos por meio de informações úteis postadas por fontes confiáveis sobre a experiência no ensino remoto. Além disso, a relação com discentes foi marcada por afetos negativos como a evasão, preocupação com o processo de ensino aprendizagem, interação e saúde mental, tendo em vista que discentes lidaram com a morte de familiares. Quanto às informações sobre a pandemia, trouxeram afetos negativos como o aumento da incerteza, mortes, infodemia e problemas de

saúde nas dimensões físicas, emocionais e sociais, em virtude do medo gerado pela doença e as medidas sanitárias de prevenção. Porém, para algumas atrizes sociais, esse período propiciou o desenvolvimento de hábitos saudáveis, como a prática de meditação.

Na perspectiva dos modelos de organização da DST (Hirata; Kergoat, 2007), há a presença de Parceria e Conciliação. No entanto, algumas atrizes foram as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas e o trabalho de cuidado na pandemia, em virtude da necessidade de isolamento social e a consequente suspensão do modelo de Delegação. Além disso, o trabalho de cuidado com os pais foi ampliado, pelo fato das(os) idosas(os) fazerem parte do grupo de risco. Portanto, algumas atrizes sociais exerceram essa função, com ou sem a ajuda de terceiros ou familiares, em razão da identidade de gênero. Houve relatos de sobrecarga em razão da conciliação entre as demandas domésticas e profissionais, decorrente das medidas de prevenção da doença, e das adaptações para a inclusão do ERE no espaço doméstico.

Quanto às práticas informacionais colaborativas, desenvolvidas pelas atrizes sociais no grupo do WhatsApp do departamento, algumas que colaboraram diretamente no grupo buscaram elucidar dúvidas e trazer novos aprendizados sobre o ERE. Para uma das atrizes, sua colaboração foi pouca, por conta da desinformação sobre a pandemia no grupo.

Algumas atrizes não interagiram no grupo por motivos diversos, entre eles: a preferência pela interação nos subgrupos menores, formados por docentes de um mesmo curso de graduação; e o fato de não se sentirem seguras por serem recentes na instituição.

O apoio de outras mulheres no grupo do departamento gerou afetos positivos, como o ativismo feminista no combate aos discursos machistas e misóginos, a percepção de um sentimento de solidariedade, e o apoio de outras mulheres no âmbito profissional e nos subgrupos do departamento. Como afetos negativos, há relatos que o grupo reflete as relações de trabalho não saudáveis; não há esse tipo de apoio, sentem-se inseguras para interagir, tendo sofrido violências de gênero de homens e mulheres do departamento. Foi apontado também que o direito à fala não é livre para todas as pessoas do grupo, apenas algumas pessoas têm seu direito de fala legitimado.

Os resultados da pesquisa mostram que o estado de incerteza informacional vivenciado pelas professoras do ensino superior acerca das questões de gênero na prática docente durante o ERE é complexo e multifacetado, marcado por questões informacionais, emocionais e de saúde, relacionadas ao contexto pandêmico; laborais, em relação às dificuldades de adaptação da prática docente e da interação com discentes; e de gênero, sobre

a conciliação das atividades domésticas, do trabalho de cuidado e da prática profissional. Além disso, as assimetrias e violências de gênero estão presentes no grupo do departamento, que faz parte do campo científico, no qual os agentes são ao mesmo tempo pares e concorrentes na luta pelo monopólio da autoridade/competência científica (Bourdieu, 1976).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi atendido, ao descrever o estado incerteza informacional de professoras do ensino superior acerca das questões de gênero na prática docente durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), como sendo complexo e multifacetado, abrangendo aspectos de caráter informacional, emocional, de saúde, laboral e de gênero.

Ressalta-se que as relações de trabalho constituem o principal vínculo entre as atrizes sociais e que a colaboração como forma de enfrentamento coletivo do estado de incerteza não se deu de forma homogênea. Esse aspecto pode ser compreendido como um reflexo das relações de trabalho fora do grupo do WhatsApp, não consideradas saudáveis nas relações de gênero. Além disso, o campo empírico é um microcosmo do campo científico; portanto, constitui um espaço de disputa. Por fim, a superação do estado de incerteza informacional, que resultará em competência em informação e práticas emancipatórias no contexto do ERE, ocorre nos espaços em que há interesses pessoais, profissionais e de gênero em comum.

Além da limitação de espaço, por se tratar de um recorte de uma tese, esse estudo refere-se à realidade de um único departamento, portanto não contempla as especificidades de outros departamentos. Entre os desdobramentos teóricos, podem emergir pesquisas sobre gênero na educação pública superior, para a elaboração de políticas de informação institucionais pautadas nas relações de trabalho e de gênero.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <https://shre.ink/ccRI>. Acesso em: 05 mar. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2020.

BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados**, v. 59, n.3, p. 719-754, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/00115258201690> Acesso em 10 mar. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 2/3, p. 88-104, jun. 1976. Disponível em: <https://shre.ink/ccg7> Acesso em 10 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União** Brasília: 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/eCF45](http://encurtador.com.br/eCF45). Acesso em 5 mar. 2025.

BRASILEIRO, Fellipe S. **Resiliência informacional**: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9710> . Acesso em: 5 mar. 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005> Acesso em: 20 mar.2025.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2557> Acesso em: 20 mar. 2025.

LLOYD, Annemarre. Building Information Resilience: how do resettling refugees connect with health information in regional landscapes: implications for health literacy. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 45, n. 1, p. 48–66, 2014.

LLOYD, Annemarre. Stranger in a strange land; enabling information resilience in resettlement landscapes, **Journal of Documentation**, v. 71, n. 5, p. 1029 – 1042, 2015.

NASCIMENTO, Geysianne F. do; BRASILEIRO, Fellipe S.; ALVES, Edvaldo C.; BRISOLA, Anna Cristina C. de A. Estratégias de combate à desinformação: relatos de experiências de ações na perspectiva da pedagogia crítica da informação. **Revista Conhecimento em Ação**, [S. l.], v. 9, p. e65865, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/enCVF>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PESSOA, Amanda R. R.; MOURA, Marla M. M.; FARIAS, Isabel M. S. de. A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia. **Licere**. Belo Horizonte, v.24, n.1, mar/2021. Disponível em: <https://shre.ink/ccgY> . Acesso em: 5 abr. 2025

SILVA, Juliana M. S.; CARDOSO, Vanessa C.; ABREU, Kamila E.; SILVA, Lívia S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://l1nq.com/g3Y9t> Acesso em: 25 fev. 2025.

SOUSA, Kássia M. de.; SILVA, Larissa L. da.; ROLIM, Kethley H. B. Parentalidade versus produtividade acadêmica: estudo sobre mães docentes de universidades. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 4, p. e49127, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/ccgN> . Acesso em: 30 jan. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

SOUSA, Luana P. de; GUEDES, Dyeggo R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 87, p. 123–139, 2016. Disponível em: <https://abrir.link/mcVIS> . Acesso em: 30 abr. 2025.